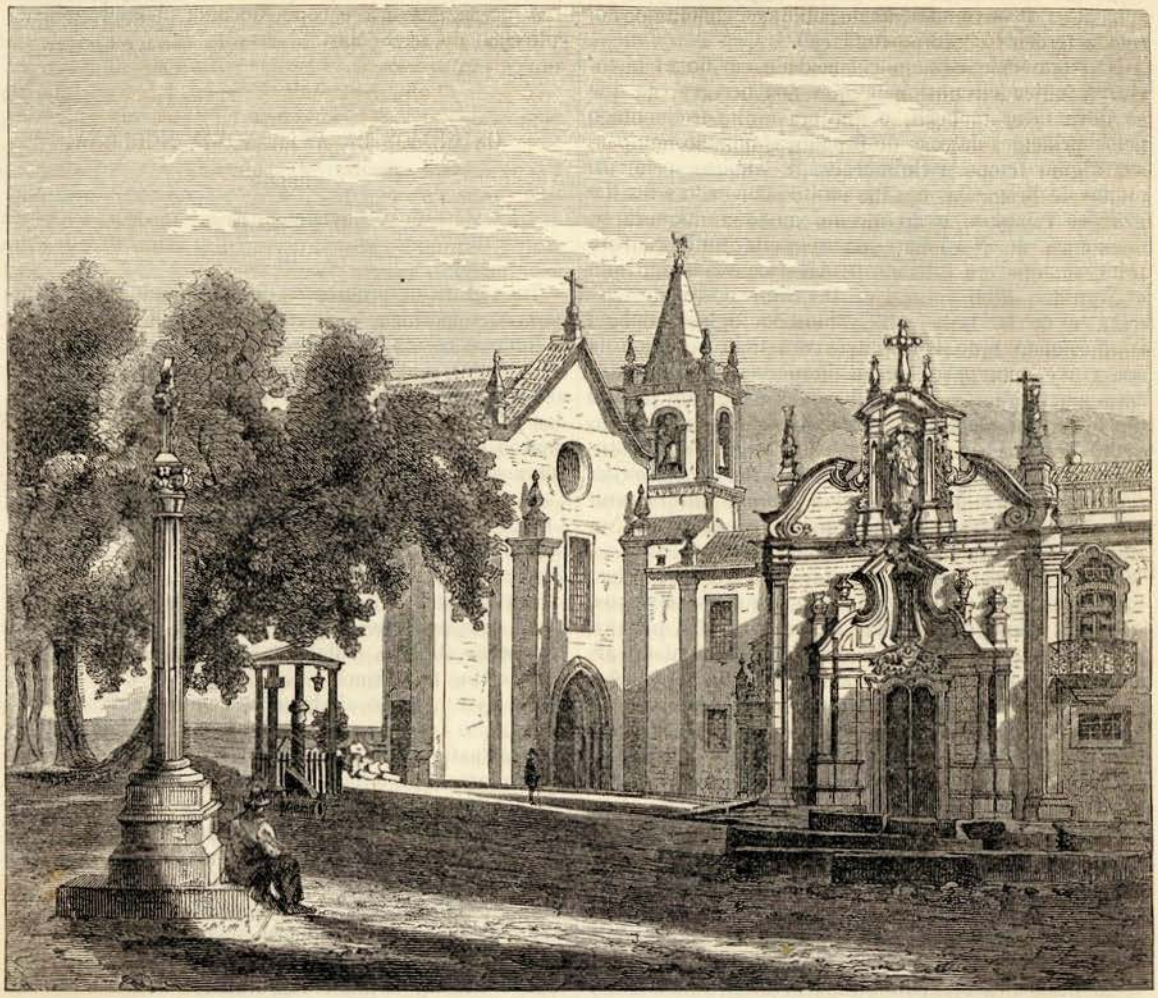


Egrejas de S. Francisco em Guimarães

Diz o chronista da ordem seraphica, da provincia de Portugal, que, vindo a este reino S. Francisco de Assiz, em companhia do seu discipulo S. Gualter, e partindo ambos d'aqui em romaria a S. Thiago de Compostella, na sua passagem por Villa-Verde, junto de Guimarães, fundou ahi o primeiro d'aquelles santos uma casa de oração, e n'ella deixou para servir a Deus S. Gualter e outro companheiro. Realisou-se este successo pelos annos de 1216, reinando el-rei D. Affonso II.

Ao diante aggregaram-se a estes dois religiosos mais alguns companheiros, constituindo-se em communidade. Durou este convento por espaço de oitenta annos. Sendo então o edificio demasiadamente apertado para o numero de seus moradores, e achando-se, além d'isso, em muita ruina, por causa, não da edade, mas da mesquinhez da construcção, resolveu-se mudar o convento para dentro dos muros da villa de Guimarães, hoje cidade.

Edificou-se, pois, o novo convento junto da cêrca de muralhas da dita villa, contiguo á *torre velha*, no logar occupado por um hospital chamado do *Anjo*, que deu o nome á rua para onde deitava a sua porta principal.

Foi esta a segunda fundação do convento da ordem mendicante instituida por S. Francisco de Assiz. Porém pouco tempo perseverou alli. Tendo rebentado aquellas fataes discordias que armaram o braço do infante D. Affonso, depois rei, quarto do nome, contra el-rei D. Diniz, seu pae; e que lançaram o reino em tamanha perturbação; o infante, nas correrias que fez por diversas partes do paiz, foi á frente dos seus parciaes sobre Guimarães. Como a villa, fiel ao seu monarcha, lhe fechasse as portas e resistisse ás suas promessas e ás suas ameaças, poz-lhe o infante apertado cêrco, e não poupou diligencias para a tomar de assalto. Não lograram os sitiantes o seu intento, mas fizeram consideraveis damnos á povoação. Sabendo el-rei D. Diniz que fôra causa principal de taes damnos o convento de S. Francisco, porque, em razão de se achar acercado das muralhas da villa, poderam os rebeldes introduzirem-se n'elle, e d'ahi maltratarem os que sustentavam a auctoridade do soberano, mandou demolir o convento.

Cuidaram logo os frades de promover a edificação de um novo convento. N'este empenho foram auxiliados por muitas familias ricas da villa, e pelo arcebispo de Braga, D. Fr. Tello, que tinha sido religioso da mesma ordem. Com o auxilio d'estes bemfeitores conseguiram não sómente os meios precisos para a obra, mas tambem vencer as opposições que lhes fez o cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira sobre o logar escolhido para a construcção, que era um terreiro fóra da cêrca de muros, mas proximo d'ella.

Lançou a primeira pedra nos alicerces o dito arcebispo, celebrando-se a ceremonia com grande solemnidade.

Quando falleceu el-rei D. Diniz, em janeiro de 1325, achava-se o convento acabado, ou quasi concluido. Foi esta a terceira e ultima fundação.

Não tem este edificio celebridade em nossa historia. A unica circunstancia que nos occorre, de que se deva fazer menção, é que era muito frequentado pelos principes da casa de Bragança, quando iam passar algum tempo a Guimarães. D. Affonso, primeiro duque de Bragança, era-lhe muito affeiçoado e fez-lhe grandes esmolas; e do mesmo modo a duqueza D. Constança de Noronha, sua segunda mulher. Esta princeza, que era filha de D. Affonso, conde de Gijon e Noronha, filho natural de Henrique II, rei de Castella, e de D. Isabel, filha tambem natural del-rei D. Fernando I de Portugal, viveu todo o tempo da sua viuvez nos paços que o duque seu marido edificára em Guimarães [1], e fallecendo em 26 de janeiro de 1480, foi enterrada, por disposição sua, no convento de S. Francisco da mesma villa. Tem no tumulo este breve epitaphio: *Alphonsi Ducis hoc conjux Constança Noronha conditur in tumulo.* Diz em vulgar: Está encerrada n'este tumulo Constança de Noronha, esposa do duque Affonso.

Assim como o edificio é pobre de recordações historicas, tambem o é de belleza e primores artisticos. A egreja conserva algumas das suas feições primitivas, em que se acha desenhada a simplicidade architectonica da epocha del-rei D. Diniz. As reparações e reconstrucções posteriores fizeram-lhe bastantes alterações. A frontaria apenas da primeira fabrica tem o portal. A capella-mór foi reconstruida a expensas do primeiro duque de Bragança, que por essa razão ficou sendo seu padroeiro, e por sua morte seus successores. É templo grande, com quatorze capellas, algumas das quaes eram cabeças de morgados, e foram construidas em differentes epochas. Na de S. Gualter está o sepulchro que contém os ossos d'este santo. Acha-se esta egreja em bom estado, e celebra-se n'ella o culto divino com decencia.

Contiguo á egreja, para onde tem porta, está o claustro com as suas galerias sustentadas por columnas de pedra, e adornado com um chafariz. Ha n'este claustro duas capellas, uma das quaes pertence á casa do capitulo.

O edificio do convento não é notavel em coisa alguma. Não é pequeno, mas tambem não se póde dizer que seja vasto. Depois da extincção das ordens religiosas, foi applicado para diversos misteres do serviço publico, e n'elle se construiu um theatro.

No adro da egreja, a que fazem sombra altos e frondosos carvalhos, ergue-se um esbelto cruzeiro de pedra.

Ao lado da egreja, e deitando para o mesmo adro, estão o templo e hospital dos terceiros de S. Francisco, construidos no seculo XVII, e reformados e melhorados posteriormente, por diversas vezes. São muito dignos de menção e de serem conhecidos das pessoas que visitarem a cidade de Guimarães, o primeiro pelo esplendor com que n'elle se exerce o culto e se fazem as festividades, e o segundo pela grandeza e aceio da casa, e pela caridade, alinho e conforto com que são tratados os enfermos. Já em outro logar tivemos occasião de referir, que esta confraria e a dos terceiros de S. Domingos, da mesma cidade, contam cada uma de um a dois mil irmãos, e que os seus hospitaes figuram entre os melhores e mais bem administrados de todo o reino.

Os dois templos de S. Francisco estão situados em um vasto terreiro a que dão o nome, o qual fica visinho da *praça do Toural* [2], e um pouco mais distante, mas perto, do *campo da Feira* [1]. Com o crescer da povoação desappareceu a muralha que a separava do convento; e a casaria lá se foi estendendo e abraçando o terreiro por partes outr'ora despovoadas.

A nossa gravura é copia de uma photographia da collecção do sr. Seabra. I. DE VILHENA BARBOSA.

1 Vid. pag. 33 do vol. IV.
2 Vid. pag. 217 do vol. VII.

1 Vid. pag. 92 do vol. VII.

OS GENIOS DA ASTRONOMIA MODERNA

KEPLER

(Vid. pag. 126)

III

Taes eram os progressos da astronomia quando appareceu Copernico, o precursor de Kepler.

Nado e criado em Thorn, aldeia polaca hoje illustre por ter sido o berço de sabio de tanta nomeada, entregou-se elle ao estudo das sciencias medicas, e das humanidades e artes, se bem que a natural propensão do seu caracter mais o convidasse para a observação dos astros.

Tendo ganho já vasto peculio na universidade de Cracovia, que o laureou diversas vezes, veiu á Italia a fim de conviver com os mestres da sciencia, que floresciam na sempre abençoada Ausonia.

Era já então a Italia o palladium de todas as sciencias, que rejuvenesciam e cresciam, protegidas por uma raça illustre, bafejadas pelas auras perfumadas dos jardins florentinos.

Copernico, moço ainda, era, comtudo, de um temperamento frio e pouco atreito a enthusiasmos poeticos. A natureza formosa e rica da Italia, as galas e esplendores que prendem e captivam o viajante ao pisar aquelle terreno fecundo, berço de heroes, não tiveram poder na imaginação do astronomo septentrional, que prezava a Italia, não pela belleza com que se arraiava, senão pela limpidez e transparencia da sua atmosphera, que permitte melhores observações.

Em Padua ligou-se Copernico com Dominico Maria, afamado professor, e em Roma conviveu com o não menos illustre Regiomontano. Estes dois sabios, ao tempo que ensinavam o moço astronomo, para logo depositaram n'elle grandissima esperança, que o tempo se encarregou de verificar completamente.

Contava Copernico vinte e nove annos quando voltou á Polonia, onde a alta protecção do bispo de Warmie lhe alcançou a conesia de Frauenbourg.

Assegurada a sua sorte, começou o astronomo as suas altas pesquizas no remanso do seu observatorio, vivendo uma vida simples e singela, qual a estava exigindo o seu genio todo patriarchal.

Analysemos agora, em rapido esboço, a valia d'estas investigações.

Copernico não foi um genio creador e profundo, como hoje se quer affirmar sem miudo conhecimento de historia. Copernico foi um grande talento, um homem superior aos maiores do seu seculo, uma intelligencia robusta e possante. Mas não foi genio. Parecerá talvez á primeira vista sobremaneira pueril esta distincção entre grande talento e genio. Parecerão synonymas estas expressões. Não o são, todavia. Ha muita differença entre ellas. Separa-as immensa distancia. São diversos os seus effeitos. E se não, vejamos.

Não foi Copernico um genio porque lhe faltou a audacia e a imaginação. Esta dá a intuição caracteristica do homem creador, aquella produz o proselytismo, feição essencial do evangelisador, do apostolo e do martyr. Liguemos a intuição, essa faculdade de adivinhar, isso que o vulgo chama *palpite*, com o proselytismo, com o poder de convencer rapidamente,

e teremos o genio na accepção grandiosa e respeitavel da palavra.

Copernico, porém, não só se absteve de fazer proselytos e de apostolar, senão que, faltando-lhe a imaginação, empregou sómente o raciocinio, seguiu o syllogismo até ás derradeiras consequencias, e, convicto da verdade, *concluiu*, isto é, foi apenas um grande talento.

Vê-se, pois, que o genio cria, o talento conclue. A differença é immensa.

Começou Copernico o seu trabalho herculeo compulsando, analysando e esmiuçando todas as obras que nos legaram os antigos philosophos da Grecia. Não deixou uma passagem obscura. Tudo leu e releu com uma paciencia admiravel. Tudo penetrou com uma agudeza soprendente.

Preparado com tão vastas leituras, e experiente já em todas as observações contemporaneas, escreveu o seu tratado das revoluções celestes, em que affirmava que a terra e todos os planetas se moviam em torno do sol, supposto fixo.

Depois, por um derradeiro esforço, combatia todas as objecções que poderiam oppor-se ao seu systema, e, não contente com isto, descrevia o como os corpos se moviam obedecendo a uma lei desconhecida.

A obra de Copernico é um dos brazões da humanidade, porque attesta eloquentemente até onde póde chegar o raciocinio, a razão pura e desprendida de preconceitos, a analyse fecunda, esse escalpello intellectual, que não recua perante as maiores difficuldades, e que só pára nas suas pesquizas quando a materia se esvae, já pela sua tenuidade, já pela sua distancia.

Se Copernico tivesse uma imaginação creadora, podéra encontrar sem difficuldade a idéa, a um tempo simples e grandiosa, que tornou o seu nome immortal. Mas, com ser mais longo e direito o caminho que trilhou, a sua gloria não é menor, e a sciencia ganhou talvez mais, porque se compenetrou do poder da razão de um homem, quando não é transviada por opiniões de antemão recebidas e acceitas. Compulsando os antigos, achou Copernico que alguns havia, e dos melhores, que acreditavam na fixidez do sol.

«Resolvi, diz Copernico, reler as obras dos antigos philosophos, e ver se algum d'elles havia admittido para as espheras outros movimentos que não fossem os que nas escholas ensinavam, e em Cicero vi que Nicetes acreditava no movimento da terra, ao passo que Plutarcho me ensinou que esta era tambem a opinião de muitos outros [1].»

Já Archimedes havia dito no seu *Arenario:*

«Affirma a maior parte dos astronomos que o mundo é uma esphera, cujo centro é o da terra, e cujo raio é egual á distancia da terra ao sol. Aristarcho de Samos refuta esta opinião. Na opinião d'este philosopho é o mundo muito maior. Suppõe elle o sol immovel, e bem assim as estrellas, e julga que a terra gira em volta do sol como centro, e que a grandeza da esphera das estrellas fixas, cujo centro é o sol, é tal, que a circumferencia do circulo descripto pela terra está para a distancia das estrellas fixas assim como o centro de um circulo está para a sua superficie.»

Estas foram as fontes em que Copernico bebeu a sua doutrina. Mas o que parece um paradoxo historico, com quanto seja uma verdade inconcussa, é que o proprio Ptolomeu foi quem convenceu ainda mais o philosopho de Thorn, pelas objecções que punha á hypothese da mobilidade da terra. Copernico, desfazendo algumas d'estas objecções com uma superioridade incontestavel e muito de admirar, attentando á sua completa ignorancia da analyse, convenceu-se de que, se fosse maior o seu cabedal, poderia destruir pela base o edificio architectado pelo philosopho de Alexandria [1].

Comparando, pois, todas estas opiniões, apparentemente adversas nos seus principios fundamentaes, Copernico viu que, referindo-as a um principio unico e absoluto, todas se explicavam, concordavam as observações, ligavam-se os phenomenos mais contrarios e dispares.

De tal modo se convenceu Copernico da verdade do seu systema, que recorria ás argucias mais cavillosas da escholastica para firmar o proprio espirito, que ás vezes se deixava abalar. Afugentava as trevas imaginarias com que a ignorancia de certos factos lhe circundava o animo aliás tão claro e robusto. O philosopho de Thorn via, pois, a luz succeder-se á escuridão, a ordem ao cháos, graças ao esforço continuo e contumaz da sua razão. Desprezando certos phenomenos que elle julgava secundarios, quaes são a percussão dos equinoccios, a erecção, as librações, etc.: comparando os resultados do seu systema com os do systema de Ptolomeu; empregando as construcções de Apollonio; determinando, a final, por meio de processos geometricos, pouco rigorosos e muito longos, as distancias dos planetas ao sol; affirmando a fixidez absoluta das estrellas, que deviam mover-se apparentemente segundo parallelas ou circulos perpendiculares ao eixo do mundo; combinando o movimento observado dos planetas com o que elles teriam se fossem fixos como as estrellas, chegou, em fim, ao grande principio, que terra, lua e todos os planetas obedeciam a uma força qualquer existente no sol, e descreviam circulos cujo centro commum era o planeta luminoso.

E proseguindo nas suas explorações até aos derradeiros confins da sciencia, explicou ainda a razão por que ha movimentos retrogrados e outros directos em virtude de apparencias enganosas [2].

Chegado ao convencimento intimo e cabal da verdade que procurava, Copernico parou. Parece que não estudava para a humanidade, senão para a satisfação propria. Modesto e singelo, aborrecendo assim o favor publico e os enthusiasmos da multidão, Copernico, em vez de dar largas á alma, que queria abalançar-se a maiores commettimentos e ousadias, sopeou-a cuidadosamente, não quiz arcar com o fanatismo religioso e preconceitos mundanos. Desprezou a gloria em vida, e antepoz a tudo o socego. Diz Voltaire que boa é a modestia, comtanto que não conduza ao esquecimento da gloria. E que maior, mais prestante gloria que a de Copernico! E quem sabe aonde poderia chegar aquella alma se tantas mesquinhezas, se tantos receios a não estivessem acautelando e cortando-lhe os vôos! Produziria mais alguma coisa? É licito duvidar. Copernico cumpriu a sua obra. Foi o que devia ser. Ninguem lhe poderia exigir mais, nem maior gloria lhe caberia, porque alcançou a maior de todas, qual é a que acompanha o venerando nome do iniciador da astronomia moderna.

[1] Philolaus, Heraclito do Ponto e Ecphantus, todos discipulos de Pythagoras, todos filhos da bella eschola que vingou a humanidade do maior erro scientifico que se tem commettido.

[1] Houve, porém, uma objecção que Copernico nunca pôde rebater, e a qual venceu a agudeza do proprio Galileu, pórque só foi destruida por Huyghens. Diz Ptolomeu no *Almagesto:* «Se a terra girasse em vinte e quatro horas em torno do seu eixo, os pontos da sua superficie seriam animados de uma velocidade immensa, e da rotação d'elles nasceria uma força de projecção capaz de arrancar dos seus alicerces os edificios mais solidos, arrojando-os no espaço.» Nasce esta objecção da ignorancia dos principios da mecanica. Em qualquer movimento de rotação temos a considerar a velocidade absoluta dos pontos e a da rotação medida por uma volta completa. A força de projecção de que falla Ptolomeu, e que Huyghens denominou *força centrifuga*, é funcção d'estas duas velocidades. Na rotação terrestre a força centrifuga é pequena porque a velocidade da rotação é tambem pequena. Esta velocidade é representada pela velocidade de um ponto dividida pelo raio da terra, sendo, portanto, o algorithmo representativo da força centrifuga o quadrado da velocidade multiplicado pelo raio. Sendo este maximo no Equador, é ahi maxima tambem a força centrifuga, e, comtudo, o seu effeito limita-se a diminuir tres grammas o peso de um kilogramma.

[2] É necessario não confundir estas apparencias com a realidade que a sciencia tem descoberto no movimento retrogrado de alguns satellites.

Chegára Copernico á velhice. Decrepito, e perdida quasi a pouca energia do seu caracter, reluctava com a idéa de publicar a sua obra, a qual poderia ainda acarretar-lhe desgostos, perseguições, e talvez a guerra impiedosa do omnipotente Vaticano. Venceu, porém, o amor da sciencia n'esse pleito. Os raros discipulos de Copernico, que tinham a invejavel ventura de viver com o mestre em amoravel trato, decidiram-n'o a final a publicar o seu tratado das revoluções dos corpos celestes, para admiração dos sabios e convencimento dos incredulos.

Copernico, porém, sempre cauteloso e timido, incapaz de grandes arrojos e grandes esforços, mal comprehendendo os encargos que incumbem áquelle que tomou sobre si o reformar uma sciencia, e derrocar com mão ousada um edificio sem alicerces robustos e perduraveis; Copernico, que parecia antever, com a presciencia do terror, os tratos e perseguições que haviam de soffrer os seus successores menos felizes, se bem que muito mais gloriosos; Copernico, modesto por natureza e indole, mais amante de se conchegar ao brazido do larario do que ás chammas inquisitoriaes, não lhe aprazia o sacrificio nas aras da verdade, antes se abrigava cuidadosamente no seu modesto tugurio, por evitar nomeadas perigosas que poderiam immolal-o mui cruentamente e mui contra vontade sua.

Mas quem póde dizer á verdade: — Detem-te ahi, que não irás além? — É o homem um instrumento de trabalho ao serviço de uma idéa. É um sacerdote, e corre-lhe o dever de martyr se for necessario sangue para escrever mais um progresso, mais um adiantamento no grande livro da humanidade. Que importa que o homem refuja timido d'esse dever tremendo e fatal? A suprema logica das coisas impelle, arrasta o instrumento que debalde intenta furtar-se ao preceito que o destino impiedoso lhe impoz. Lá está a futura gloria, o panthéon dos homens illustres, a eterna e agradecida lembrança, o culto piedoso e sacrosanto, a gratidão das edades, para compensação dos que soffrem em prol da verdade.

Não pertencem a si mesmos os grandes homens, senão á humanidade, cujo symbolo são. Com elles se honra o mundo, com elles se aperfeiçoa e dilata, com elles combate, por elles se dirige e guia na senda da verdade. Porque elles são um fanal nas trevas que circundam o resto dos homens; porque caminham na dianteira, e tão longe, que, se elles apagassem de motu proprio a clarissima luz da sua intelligencia, para logo parava o mundo e se desconjuntava a machina.

Assim foi que não valeram as reluctancias e os desanimos profundissimos de Copernico. O seu destino foi esse. Havia de cumpril-o.

O homem que no decurso de tantos annos se concentrára como um cenobita piedoso perseguindo implacavelmente uma idéa grandiosa, evidente, formidavel, como tudo o que é simples e verdadeiro; o homem que, rematando com poderosa intelligencia o vasto cyclo das revoluções celestes, chegou a final a uma consequencia admiravel; o homem recatado, timido, de costumes simples, receoso de glorias, pouco expansivo, ergueu-se de repente como um gigante, firmou os pés na terra e rasgou as nuvens para chammear mais longe e irradiar para o mundo. Como Archimedes, apresentou-se nu e fatidico, exclamando o tremendo *eureka*, que na boca dos grandes homens é uma sentença dos destinos, é um mando á natureza.

E depois, para que o seu triumpho se completasse e nada faltasse á gloria d'aquelle grande homem, ousou estampar no frontispicio da sua obra, como desafio á ignorancia, que então, porventura mais do que hoje, enredava e asphyxiava os que se atreviam a buscar mais vastos horisontes e tentear novos caminhos. Dedicando o seu livro ao santo padre, disse-lhe, para que a offerenda levasse o signal da garra leonina: «Dedico o meu livro a vossa santidade para que sabios e ignorantes possam ver que não evito o julgamento e o exame. Se alguns homens ignaros e ligeiros quizerem alevantar contra mim alguns textos da Escriptura, cujo sentido alteram, desprezo os seus temerarios ataques, por quanto as verdades mathematicas só por mathematicos podem ser julgadas.»

Este foi o ultimo canto do cysne, foi o derradeiro bruxolear d'aquella luz esplendida que se apagava, até que outra centelha ferisse outro cerebro poderoso, e Kepler surgisse violento e vehemente a proseguir na obra encetada.

O livro de Copernico foi recebido com espanto disfarçado em prudente indifferença. Amigos e inimigos, sabios e ignorantes, ficaram pasmados e absortos perante aquellas folhas, que resumiam as vigilias e lucubrações da vida de uma grande intelligencia.

Copernico morreu passado pouco tempo. Afortunado em tudo, iniciou uma grande revolução e não foi victima d'ella. O fanatismo não tivera tempo de acordar. Mas acordou por fim, e perseguiu implacavelmente a memoria de Copernico. A vingança de fanaticos não cança, porque é filha da malevolencia imbecil. Quando em 1829 a cidade de Varsovia ergueu um monumento ao illustre sabio, não houve um ministro da religião de Christo que consagrasse aquelle acto da suprema gratidão dos povos. A purpura da egreja não quiz congraçar-se com a purpura da sciencia, como se ambas não ornassem a verdade.

A clerezia não quiz casar os seus canticos com os côros que se alevantavam em honra de um homem que bem mereceu de Deus explicando a sua obra grandiosa, a qual, mais que todos os prodigios forjados por imaginações devotas, attesta o poder do espirito creador.

A egreja parece ter esquecido ha muito que Christo foi principalmente um grande reformador, o Copernico da humanidade, em escala muito maior, porque não temeu o martyrio, antes sellou com o sangue a redempção!

Esqueceu a egreja que, assim como Copernico prégava que os planetas andavam em volta do sol, e não este e aquelles em volta da terra, tambem Christo já havia prégado que o homem, Cesar ou escravo, havia de servir a humanidade, e não esta a Cesar, porque todos tinham eguaes direitos, todos eram irmãos.

A humanidade é o sol, cada homem um planeta, e no mundo moral, bem como no mundo physico, as leis da harmonia são as mesmas.

(Continúa) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

O PASSARO LYRA

A descoberta da Australia abriu um campo vastissimo ao estudo das sciencias naturaes. Em botanica, sobre tudo, não ha região alguma do mundo mais ricamente dotada que esta. A infinita variedade de plantas vem alli reunir-se as proporções gigantescas de algumas, a fórma exquisita de outras, e os singulares attractivos de muitas, de quasi todas, nas quaes os olhos se enlevam, não sabendo ao que devem dar a primazia da formosura, se ás flores pelo engraçado da corolla, pelo brilho e viveza das côres e pelo bem acertado do matiz; se á folhagem pela delicadeza ou caprichosos feitios dos recortes, pelo verde tão lustroso que parece scintillar, pelas pompas, em fim, da vegetação tropical que n'ellas se ostentam, em geral, com tamanha magnificencia.

A natureza não foi tão prodiga nos outros dois reinos naturaes; mas ainda assim dotou-os liberalmente. Quanto ao reino mineral, não ha, por certo, quem ignore que dos seios da Australia se tem desentra-

nhado n'estes ultimos vinte annos immensas riquezas, e que as suas minas de oiro ainda estão em proficua exploração. Quanto ao reino animal, se este paiz não póde competir com a Africa e com a America, avantaja-se, porém, na belleza de muitas especies, e na raridade de algumas.

D'entre essas especies sobresae, por sua fórma singular e garbosa, a ave de que damos cópia em a nossa gravura.

Os primeiros viajantes que se atreveram a penetrar nas florestas virgens do interior da Australia deram noticia d'estes passaros, que viviam no mais recondito dos bosques, e alguns, não se contentando com a noticia, indo á caça d'elles, conduziam-n'os mortos ás povoações do litoral. Como era ave inteiramente desconhecida, pois que até hoje nunca foi encontrada em outra qualquer região, principiaram os caçadores a denominal-a segundo a phantasia de cada um. Achando-lhe certa similhança no corpo com o faisão ordinario, chamaram-lhe *faisão de montanha*, *faisão dos bosques*, *faisão da Nova Hollanda*, que era o nome com que então geralmente se designava essa vastissima ilha do Oceano Pacifico, que mede 1:100 legoas de comprimento e 800 de largura, a que ao presente chamâmos vulgarmente Australia. Outros viajantes, enlevados na esbelta cauda d'esta ave, deram-lhe o nome de *faisão lyra*.

Mr. Davies foi o primeiro naturalista que a fez conhecida na Europa, em 1800, descrevendo-a no vol. VI das *Transactions Linnean*, como typo de um novo genero ornithologico sob o nome de *Menura superba*. Esta descripção, que não tardou a ser seguida de algumas d'aquellas aves embalsamadas, levantou grandes questões entre os homens da sciencia. A classe e ordem em que tal ave devia ser collocada, a familia a que pertencia, e o nome que melhor lhe quadrava, serviram de assumpto para renhidas controversias entre os mais distinctos naturalistas da Europa e da America, e fizeram com que o passaro lyra, depois de morto, saltasse nos museus de classe para classe, de ordem para ordem, de familia para familia, como saltára em vida, nas mattas da Australia, de bosque para bosque, de arvore para arvore e de ramo para ramo.

Todavia, não obstante essas disputas, pouco sensiveis alterações se introduziram na nomenclatura scientifica; pois que, além de *Menura superba*, chamaram-lhe *Menura magnifica*, *Menura lyrata* e *Menura Novæ Hollandiæ*.



Passaro lyra

Dissemos que o lyra se parecia no corpo com o faisão ordinario; mas a similhança é sómente quanto á fórma e proporções, não quanto á cauda e á côr da plumagem. Esta é na lyra macia, basta, e de côr alambreada escura, com sua tinta azeitonada no dorso, arruivada nas azas, e cinzenta nas partes inferiores do corpo. Tem esta ave a cabeça pequena; o bico, triangular na base, agudo e comprimido na extremidade; as azas curtas e arqueadas; as pernas de altura mediana, e os pés grandes e armados de longas unhas recurvadas. Os machos tem na cabeça uma poupa, á maneira de franja, ou crista, composta de uma fileira de pennas estendidas. A cauda é que constitue a belleza principal d'este passaro; e tal é a sua elegancia e originalidade, que nenhuma outra ave póde n'esse ponto competir com o lyra, nem o proprio pavão, apesar do esplendor e magnificencia das côres de que se veste. Compõe-se a cauda de dezeseis pennas: doze mui compridas, direitas, guarnecidas de barbas muito finas, e separadas umas das outras; duas, com espessas barbas só de um lado, partem unidas da raiz da cauda, separando-se gradualmente, e rematando em uma curva; e, finalmente, as duas que restam, mui largas, espessas, semeadas de manchas dispostas com symetria, juntando-se, curvadas para dentro, na origem da cauda, e afastando-se uma da outra nas extremidades, onde são curvadas para a parte de fóra, fazem moldura ás mais pennas, dando á cauda a fórma gentil de uma lyra todas as vezes que a ave a levanta e abre. A cauda apresenta as mesmas côres do corpo. É privativo dos machos este adorno.

Vive este donoso passaro no centro dos bosques, ou nas montanhas pedregosas. Gosta pouco de voar, talvez porque a curteza das azas lhe faça demasiadamente sensivel o peso do corpo. Portanto, só vôa quando o aperta a necessidade, ou para ir repoisar e dormir em segurança nos troncos altos de alguma arvore colossal, ou para fugir das ciladas do homem. N'estes casos, o seu vôo é muito rapido. Fóra d'elles, prefere correr e saltar; e, ajudando-se com as azas, é muito veloz na carreira e de grande agilidade nos saltos.

Começa a cantar mal desponta a aurora. A sua voz, segundo dizem os viajantes, é sonora e agradavel, e o canto harmonioso, forte e sustentado. Tem facilidade em imitar a cantiga das outras aves, e por isso muitas vezes, deixando a sua, repete a dos passaros que está escutando. Sustenta-se de sementes, vermes e insectos, para o que esgaravata na terra como as gallinhas. A femea constroe o ninho no chão, debaixo do matto, ou nas tocas das arvores annosas, ou nas fendas das rochas. Não corresponde o ninho á gentileza da ave, pois que é tosco, sendo formado de hervas e folhas sêccas mal entretecidas. Consta a postura de doze a dezeseis ovos brancos salpicados de azul.

O lyra habita nos districtos elevados da Australia. A perseguição que lhe tem feito os selvagens da Australia para adornarem os seus emmaranhados cabellos com as pennas da cauda, e os caçadores europeus, em razão do alto preço que obtem nos mercados as ditas pennas da cauda, simplesmente como enfeite, e as proprias aves, que são muito procuradas para os museus da Europa e da America, tem dizimado a tal ponto estas pobres aves, que são actualmente raras nos logares onde abundavam. Fugindo da vista do homem, e da crua guerra que elle lhes move, lá se foram acoitar nas serranias da Nova Galles do Sul, onde viveram tranquillamente por algum tempo, protegidas pela espessura das mattas virgens e pelas fragas inhospitas. Porém foi de pouca duração essa tranquillidade e segurança. A ambição lá arrastou o seu implacavel inimigo, que, devassando o mais recondito das florestas e trepando as mais escarpadas penedias, continúa sem descanço a perseguil-as, ameaçando com o exterminio completo uma das mais formosas e inoffensivas especies da creação.

Encontra-se o lyra embalsamado em muitos museus, porém até ha pouco tempo nenhum tinha sido transportado vivo para a Europa, ou fosse pela difficuldade de o apanharem com vida, ou pela impossibilidade de lhe fazer supportar os habitos da escravidão. Cremos, porém, que já se venceram esses obstaculos. Se a memoria nos não engana, já vimos annunciada a chegada á Europa de uma d'estas aves viva e domesticada.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DA NECESSIDADE DE INSTRUCÇÃO PARA O POVO

EXCERPTO DE CHANNING

Pensa-se geralmente que a massa do povo não carece de outra educação além da que o dirige para as differentes profissões; embora seja um erro que principia a dissipar-se, e que poucas pessoas se atrevem hoje a defender, ainda está longe de ser geralmente condemnado. A necessidade e o fundamento do ensino do homem estão na sua natureza e não na sua profissão. Devem as nossas faculdades ser desenvolvidas por causa da propria dignidade, e não em vista sómente da applicação externa.

O homem deve ser instruido porque é homem, e não porque tem de fazer sapatos, casacas ou alfinetes. Uma profissão não é o fim do seu ser, porque o espirito não se consome n'elle inteiramente. A profissão não exhaure a força do pensamento. Tem o homem faculdades que o trabalho da officina não põe em acção, e necessidades profundas que não satisfaz com esse trabalho.

Ha notaveis poemas e systemas philosophicos e theologicos que tem sido inventados ou combinados entre os labores da officina ou do campo. Quantas vezes, occupando-se os braços machinalmente em certo mister, o espirito, perdido na meditação e no sonho, se parte da terra? Quantas vezes o coração piedoso da mulher confunde ou envolve o maior de todos os pensamentos, o de Deus, com as minudencias do arranjo domestico?

O homem deve, sem dúvida, aperfeiçoar-se na sua industria, pois se ganha assim o pão e se serve a sociedade; mas o pão ou a subsistencia não é para nós o supremo bem, porque então a nossa sorte seria como a dos animaes, para os quaes a natureza dá a comida e a cobertura sem que elles tratem d'isso.

O homem não foi tambem creado para servir unicamente as necessidades da sociedade. Não se póde, sem grandissima injustiça, converter em instrumento das satisfações de outrem um ente racional e moral. É um fim e não um meio. Um espirito que encerra os germens da prudencia, do desinteresse, da constancia e da piedade, vale mais que todos os interesses materiaes do mundo.

O homem existe, pois, para si, para o proprio aperfeiçoamento, e não deve submetter este aperfeiçoamento ás necessidades da natureza animal ou ás de outrem.

Dizem alguns espiritos frivolos ou egoistas que a educação liberal é precisa aos homens que se destinam aos altos cargos da republica, mas não aos que se entregam ao trabalho vulgar.

Responde-se a isto: o nome só de homem vale muito mais, e é muito mais alto que o de presidente ou de chefe de um estado.

São egualmente preciosas a verdade e a bondade, seja qual for a esphera em que se encontrem. A virtude póde desenvolver-se com as nossas faculdades. O operario não é simplesmente um operario. Intimos laços, os laços do affecto e da responsabilidade, ligam-n'o a Deus e a seus similhantes. É filho, marido, pae, amigo e christão. Pertence a uma familia, a uma patria, a uma egreja e a uma raça; e porque é homem e é assim, deve só elevar-se para a profissão? Não veiu porventura ao mundo para cumprir um grande e grave dever?

A educação de uma criança exige talvez mais prudencia e sabedoria que o governo de um estado; pela simples razão de que os interesses e as necessidades politicas são mais desprimorosas e menos sensiveis que o descobrimento da intelligencia, ou que as leis subtis da alma, que devem ser estudadas e comprehendidas antes de completar-se a educação; e Deus encarregou, todavia, os homens d'esta obra, a maior que existe na terra.

Careceremos de uma prova mais evidente para vermos que a educação, mais esmerada do que a que geralmente se propaga, é uma das nossas maiores e mais urgentes necessidades?

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 151)

VI

EMBUSTE

Parecerá estranho que, intitulando-se este romance *O primeiro amor de um rei*, depois de ter começado a descrever a viagem e o temporal que padeceu no mar alto o futuro imperador Carlos V, o deixassemos para narrar contos da Europa, de Castella e de varios personagens. Talvez que ao escrever o nosso romance faltemos aos preceitos da arte; mas como os primeiros amores do nosso heroe duraram pouco e se extinguiram com o seu primeiro triumpho, depois de apresental-o com toda a grandeza, arrostando tranquillo com os terrores do mar e da tempestade, quizemos dar certos pormenores dos primeiros obstaculos que devia encontrar para adivinhar o porvir nos primeiros rasgos da sua vida politica. Não nos demoraremos para encontrar novamente o principe em Villaviciosa, na casa dos senhores de Hevia, dispondo-se

a partir para Valhadolid. Continuaremos, porém, a referir os meios de que se serviam os que desejavam apoderar-se inteiramente da vontade do infante D. Fernando, para que este se apoderasse do throno de Castella, e satisfazerem assim as suas ambições.

Depois de intimidal-o, procuraram a lisonja para o encantar e illudir.

Ao toque das Ave-Marias, como promettêra, o infante D. Fernando chamou o pagem. Ambos cingiram espada e adaga, e saíram do palacio sem que ninguem os visse.

— Para onde me levas, Ramiro? — perguntou D. Fernando ao pagem.

— Levo-o a casa de uma formosa mulher que lê nos olhos e nas mãos o futuro das pessoas que a consultam, de uma encantadora feiticeira que sabe fazer passar horas deliciosas aos que frequentam o seu mysterioso asylo, e esta noite só nós entraremos n'elle.

— Poderei alli ver o ermitão?

— Se vossa alteza não o encontrar alli, poderá saber onde se encontra... A feiticeira sabe tudo.

— E dirá qual é o meu futuro?

— Dirá tudo quanto vossa alteza desejar saber. A sua vista é prodigiosa: adivinha nos olhos a alma, conhece logo a sorte que nos espera, e tem tanta certeza n'isto como vossa alteza a de matar uma rez com a faca de mato.

O infante e o pagem desceram a encosta que havia então na paragem onde hoje se encontra o campo do Moiro, e seguindo para a esquerda até o convento dos franciscanos, torceram por uma viella, e andando de rua em rua em mil voltas, chegaram por fim a parar ante uma porta de humilde aspecto.

Ramiro deu duas palmadas, e logo assomou a uma fresta um rosto, que, visto á luz da candeia que apparecêra antes, parecia de mulher mui edosa.

— Que querem vossemecês?

— Abre... sou eu, disse Ramiro; não me conheces, mãe Rosaura?

— Sim, meu filho... Pois não hei de conhecer-te? Como vens acompanhado, estranhei.

— Não tenhas medo, é pessoa de confiança, e não te arrependerás por nos dar abrigo.

— Estou certa... estou certa... Serão tratados como principes... Espera um instante, Ramiro. Vou descer.

— Quem é esta mulher? perguntou D. Fernando.

— E' uma velha que está na companhia da feiticeira... Não acredite, porém, vossa alteza que teremos de entender-nos com ella.

Abriu-se a porta, e o mesmo rosto e a mesma candeia reappareceram mais perto ante os dois.

— Leva-nos ao gabinete de tua ama, disse Ramiro, e, aproximando os labios ao ouvido da velha, accrescentou:

— Ja sabe o que ha de fazer... se conseguir os nossos desejos, receberá o preço ajustado; se não...

— Fica descançado; entra com o infante no seu gabinete, ella virá logo, e o resto fica por nossa conta.

— Siga-me vossa alteza, disse Ramiro dirigindo-se a D. Fernando: a feiticeira não tardará em apparecer.

Guiados pela velha, entraram em um gabinete ornado com primor e riqueza. As paredes estavam cobertas com uma téla formando quadrados verdes com centros brancos e encarnados; quatro cornucopias de aço, postas umas defronte das outras, augmentavam o resplendor das luzes que illuminavam a estancia. Junto de uma janella, fechada com vidros de côres, via-se um banco com uma grande almofada; um cortinado, em frente da janella, descobria um leito, cuja colcha era de riquissimo tecido com largas riscas azues, brancas e encarnadas. Algumas preciosas jarras com escolhidas flores e quatro gaiolas de prata com aves da America davam idéa perfeita do luxo e do bom gosto da senhora que alli habitava.

— Vossemecês, disse a velha, desejam ver minha ama, não é verdade?

— Sim, respondeu Ramiro.

— Virá em breve. Quem deseja consultal-a?

— Meu amo, que está aqui presente... accrescentou vivamente o pagem.

— N'esse caso, disse a velha, esperarás na antecamara, pois sabes que n'estas casas mysteriosas só podem estar duas pessoas.

— Irei para onde me mandarem, mãe Rosaura. Vossemecê me fará companhia.

— Contar-te-hei a historia de um judeu muito rico.

— Historias sabe vossemecê bastantes... Vamos... não nos faça esperar muito.

A velha saiu, o pagem fez outro tanto, e o infante ficou só no gabinete que descrevemos. Para elle era extraordinario tudo o que succedia.

Depois de ter experimentado as commoções da caçada e a apparição do ermitão, sobreviera a estranha visita que ia fazer á feiticeira; ao mesmo tempo as idéas que lhe regorgitavam na mente e que lhe absorviam inteiramente os sentimentos do coração collocavam-n'o em uma situação singular. Tinha medo; queria retroceder; mas a mão de ferro do destino impellia-o para diante.

Poucos minutos depois de terem saído a velha e o pagem, agitou-se o reposteiro de uma porta, e appareceu no umbral uma joven tão formosa, que logo á primeira vista fascinou D. Fernando. Entrou ella no gabinete, e, com sorriso de sereia e gesto de rainha, foi sentar-se-lhe no banco que estava junto da janella. Com um olhar expressivo indicou ao infante que viesse sentar-se ao lado; mas o infante vacillou um instante, e, saíndo de seu extase, obedeceu á indicação da que chamaremos Anna, porque era este o seu verdadeiro nome.

Aquella joven poderia ter vinte a vinte e quatro annos. Era esbelta, e todas as suas feições se harmonisavam para completar uma formosura radiante. Tinha os olhos negros e languidos, os cabellos tambem negros, cutis delicadissima, collo de cinzel, figura seductora. Trajava com riqueza: sáia curta e aberta de damasco azul com franjas de oiro, por cima de outra sáia branca ornada com os pingentes do cinto de filigrana de oiro; uma especie de camisola de finissima téla bordada deixando-lhe ver o peito; nos braços mangas da mesma téla com pequenos tufos e sobremangas perdidas de damasco branco; perolas, esmeraldas e rubis nos pulsos, no collo, e por entre os cabellos, completavam o vestuario e os adornos. Era uma belleza privilegiada e que mal se póde avaliar na descripção. Realçava-a ainda mais o luxo e a magnificencia que a cercavam.

— Tenho a honra de fallar ao infante D. Fernando? perguntou ella com voz melliflua. Em que posso ser util a vossa alteza?

— Minha senhora... balbuciou attonito o infante... eu... desejo... saber...

— Falle com inteira confiança. Castella, embora vossa alteza não seja ainda seu rei, considera-o já como tal, e eu, que sou castelhana, considero-me, portanto, subdita humilde e submissa de vossa alteza.

A idéa de ser soberano de mulher tão formosa enthusiasmou D. Fernando, e aproximando-se d'ella:

— Disseram-me que era feiticeira! Enganaram-me?

— Todos assim me chamam, senhor, mas, pobre de mim! nada sei.

— Contam que lê no futuro.

— Ás vezes.

— Que adivinha os mysterios mais intimos da alma.

— Nem sempre.

— Que póde satisfazer a curiosidade que me devora; e que póde com os seus conselhos mitigar a tristeza que me persegue.

— Talvez que possa attenuar os pezares de vossa alteza, mas não respondo por isso.

— Póde, certamente, mitigar a anciedade que sinto em mim, porque á sua vista senti logo commoção conhecida, ousou dizer o infante. Seja boa para commigo. Falle-me com franqueza e lealdade, examine-me os olhos e as mãos, guie-me por caminho seguro, dissipe-me as dúvidas que me assaltam, restitua-me o paz do espirito, e peça-me como recompensa o que quizer.

Anna sorriu-se. Tinha que tratar com uma criança, algum tanto exigente desde todo o principio, mas que promettia facilmente contentar-se.

A feiticeira conhecia o coração humano, e quasi lastimava ver-se obrigada a enganar um coração tão innocente, tão puro, tão leal como o que se lhe dirigia para implorar-lhe conforto.

— Quantos annos tem? lhe perguntou.

— Vou completar os quinze.

— Nunca pensou no futuro?

— Algumas vezes pensei na aurora seguinte, mas sempre se me representou como um espectro.

— Tem então padecido muito?

— Muito. Sei que no mundo ha luctas por causa do amor paternal, porém não conheci nunca meu pae; morreu quando apenas completára tres annos, e minha mãe, enferma, louca e sempre encerrada, só podia offerecer-me tristes, e bem tristes, caricias.

— E careceu d'esse amor que alegra e suavisa os primeiros annos da vida, não é assim? Leio isto nos seus olhos; vossa alteza possue alma ardente, apaixonada, ávida de commoções, que se consome dentro do circulo de ferro com que o circundam as ambições e o cynismo dos cortezãos. Cançam-n'o e desgostam-n'o as occupações a que querem dedical-o, necessita de liberdade, de percorrer a escala dos sentimentos, mitigar a anciedade, e embriagar-se nos suavissimos perfumes das paixões; necessita de realisar o que sonhou junto do solio dos antepassados de vossa alteza... e, sobre tudo, necessita de liberdade e amor...

— Sim, sim... exclamou o infante enthusiasmado, porque Anna lhe ferira as fibras mais delicadas do coração. Necessito de tudo o que diz.

— Desgosta-o a politica.

— Causa-me tedio... desespera-me...

— Apesar d'isso, a gloria interessa-o... ser monarcha de um reino como a Hespanha, amar e ser amado, ter poder sobre diversas vontades, mandar e ser obedecido... isto vale bem os dissabores que póde causar a politica.

Esta observação suspendeu por um instante o impeto do mancebo, que, illudido pelas fascinadoras palavras da feiticeira, ia lançar-se-lhe nos braços e dizer-lhe:

— Tu és a minha salvação; as tuas palavras são a musica celestial que me enfeitiça; não te separes nunca de mim!

Mas quando se lembrou de que era infante de Castella, e de que podia aspirar ao throno, comprehendeu que só a politica o levára áquelle sitio, e, mudando de accentuação:

— Diga-me... conhece a sorte que a Providencia me destina?

— Conheço, e posso assegurar a vossa alteza que é uma verdadeira sorte.

— O throno...

— Occupal-o-ha vossa alteza.

— Quando?

— Dentro em pouco tempo.

— Que é mister fazer para revogar a derradeira vontade do rei catholico?

— Oppor-se aos actos do governo do cardeal Cisneros, declarar-se contra as ordens do principe D. Carlos, confiar nos nobres que cercam vossa alteza, pedir-lhes auxilio e conselho em tudo e por tudo, contar com elles e luctar se for necessario. Castella, como um só individuo, estará ao lado de vossa alteza e ha de acclamal-o e defendel-o.

— Conhece o ermitão que se me deparou esta tarde no monte do Pardo?

— É um santo homem; sempre que falle a vossa alteza, oiça-o e respeite-o.

— Pois afiança...

— Afianço que o futuro que espera a vossa alteza é dos mais lisongeiros e risonhos.

— E se não acceitasse...

— Sería ingrato para com a Providencia.

— Posso tornar a vêl-a?

— Quando quizer.

— Que deseja em paga de seus prognosticos e conselhos?

— O affecto de vossa alteza.

— Dá-me licença que lhe beije a mão?

Anna deixou negligentemente que o infante lhe tomasse a mão direita, e D. Fernando, ebrio de felicidade, imprimiu n'ella um beijo que revelou á feiticeira a influencia que já tinha no seu juvenil coração.

— Que tal, senhor? perguntou Ramiro ao infante quando saíram da casa. Ficou vossa alteza satisfeito com a bruxa?

— Deu-me a felicidade.

— Parece-me que é formosa...

— É lindissima... é um anjo...

— Creio que essa rapariga deve semear de flores a senda da vida do homem que lhe domine o coração.

— Não sei quanto daria para possuil-a...

— Ama-a vossa alteza?

— Não sei, porque não amei nunca; mas quizera estar ao seu lado, respirar no mesmo ambiente perfumado, sentir as suas mãos ardentes entre as minhas... Um beijo seu dar-me-hia animo para tudo.

— Vejo que não andei bem proporcionando a vossa alteza occasião de conhecel-a. Devo supplicar-lhe o perdão...

— Pelo contrario, vou recompensar-te, porque se passaram agradavelmente os momentos que estive com a que chamam feiticeira, e que, na verdade, enfeitiça.

— Oh senhor!...

— Ámanhã voltarei só.

— Como vossa alteza determinar.

— Ninguem saberá o que se passou.

— Por minha parte, fique vossa alteza descançado...

— Já não me importa que me enfadem todos os dias com os planos e combinações dos que desejam ver-me rei. Compensarei a minha paciencia em attendel-os e ouvil-os, passando algumas horas ao lado de Anna.

O infante e o pagem chegaram ao palacio. Era meia noite. Como conheciam perfeitamente as habitações da residencia real, e alguns dos archeiros tinham sido avisados, poderam entrar na camara do infante.

O pagem despiu-o, e ao separar-se de D. Fernando dirigiu-lhe um olhar em que o homem observador teria adivinhado que Ramiro era o instrumento de uma intriga, e que estava satisfeito com o seu procedimento, porque, em fim, triumphava a perfidia que o guiava.

D. Fernando não póde conciliar o somno; parecia-lhe a cada instante ver a feiticeira, ouvil-a e sentir nos labios o calor da sua mão; comprehendia que aquella mulher podia fazel-o muito feliz, desejava alguma coisa que não sabia explicar, opprimia-lhe o peito uma commoção singular, e não podia dizer se era a anciedade ou o desejo ardente de tornar a vêl-a, estar a seu lado, que o martyrisava, ou se eram os pensamentos e as idéas que o atormentavam e suffocavam.

Passou a noite em sonhos. No dia seguinte parecia outro, pela alegria e pelo enthusiasmo que revelava, quando, ás dez horas da manhã, se lhe apresentou na antecamara o cardeal Cisneros.

(Continúa) B. A.